

# Pensamento eugênico nas trajetórias de Ignácio Cunha Lopes e Edgard Roquette-Pinto

*Eugenic thinking in the  
trajectories of Ignácio  
Cunha Lopes and Edgard  
Roquette-Pinto*

Leonardo Dallacqua de Carvalho<sup>1</sup>

1.  
Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Estadual  
do Maranhão (PPGHIST-UEMA)  
email:leo.historiafiocruz@gmail.com

## Resumo

A análise do pensamento de intelectuais envolvidos com a eugenia tem oferecido novas perspectivas sobre o tema para a historiografia brasileira. Desse modo, pretendo tratar de duas teses publicadas na última década, considerando a trajetória intelectual de dois cientistas. A primeira foi defendida em 2011 por Vanderlei Sebastião de Souza e premiada pela ANPUH em 2013, denominada *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro* (1905-1935). A segunda diz respeito ao trabalho de Pedro Felipe Neves de Muñoz, intitulada *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha* (1900-1942), defendida em 2015 e agraciada com menção honrosa pela CAPES em 2016. Ambas acrescentam uma ampliação nos estudos das trajetórias de personagens e a relação científica internacional dos debates sobre eugenia e identidade nacional.

## Palavras-chave

Eugenia; História da Medicina; Estado.

## Abstract

*The analysis on the thinking of intellectual actors involved with eugenics has offered new perspectives on the theme for brazilian historiography. In this way, I intend to study*

*two published theses. The first is the thesis defended in 2011 and awarded by ANPUH in 2013 by Vanderlei Sebastião de Souza, named In search of Brazil: Edgard Roquette-Pinto and the Brazilian anthropological portrait (1905-1935), the second concerns the work of Pedro Felipe Neves de Muñoz, In the light of the biological: psychiatry, neurology and eugenics in Brazil-Germany relations (1900-1942), which was defended in 2015 and awarded with honorable mention by CAPES in 2016. Both represent a new perspective in the studies of trajectories of characters and the international scientific relationship of debates on eugenics and national identity.*

### **Keywords**

*Eugenics; History of Medicine; State.*

### **Introdução**

A aproximação entre Ignácio Cunha Lopes e Edgard Roquette-Pinto não se limita apenas à semelhança de interpretação teórica, mas também ao modo como dialogam com intelectuais internacionais acerca das concepções sobre eugenia no contexto brasileiro. As teses de Vanderlei Sebastião de Souza e Pedro Felipe Neves de Muñoz, ambas defendidas na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, oferecem perspectivas teóricas que nortearam os estudos dos médicos brasileiros em relação à eugenia, bem como suas influências e interpretações.

Com efeito, tais pesquisas seguem o caminho trilhado por Nancy Stepan ao observar as particularidades de uma eugenia pensada no contexto latino-americano. A eugenia desenvolvida nessa região assumiu características próprias e, por vezes, distantes das concepções eugênicas vigentes nos Estados Unidos e em países europeus, como Inglaterra, Dinamarca e Suécia. Por essa razão, diversos discursos de intelectuais brasileiros adeptos à eugenia foram moldados de acordo com as necessidades nacionais. Nesse sentido, o saneamento ganhou lugar privilegiado nos debates eugênicos, à medida que questões sanitárias orientavam parte da classe médica em sua visão de uma nação saudável. Da mesma forma, podemos notar a presença do

tema da eugenia relacionado à saúde mental e à psiquiatria. É preciso compreender, assim como os autores demonstram, a questão polimorfa da eugenia nos contextos nacionais. A teoria galtoniana surge como uma resposta moderna para as sociedades, mas ao mesmo tempo passa por transformações e adaptações.

As teses não se limitam à discussão sobre a eugenia de Roquette-Pinto e Cunha Lopes, mas abrangem também suas trajetórias pessoais, sociais e profissionais, de modo que a eugenia ocupa lugares específicos em suas propostas. Com esse objetivo em mente, a discussão eugênica foi destacada nos trabalhos acadêmicos a fim de demonstrar suas contribuições no debate entre intelectuais e a formação de uma eugenia brasileira. Por meio da História Intelectual, é possível notar como os discursos científicos de Roquette-Pinto e Cunha Lopes moldaram uma leitura particular de eugenia que influenciou as interpretações de outros médicos e intelectuais. Não é por acaso que a análise de Muñoz está ancorada, ao menos em parte, na interpretação da tese de Souza. A aproximação entre as pesquisas demonstra o tratamento oferecido a uma interpretação de eugenia que busca nas experiências individuais dos atores históricos uma visão própria, tanto através das experiências individuais quanto das relações contextuais e da circulação científica.

### **Uma visão geral: pensar Roquette-Pinto e Cunha Lopes**

Em um primeiro momento, gostaria de sintetizar as duas teses, uma vez que as trajetórias dos atores históricos, notadamente homens públicos e ligados às ciências, orientam suas pesquisas. Sem o objetivo de resenhá-las, procuro destacar alguns aspectos para compreender como tais trabalhos contribuem para o campo da história das ciências e da história intelectual.

O resultado das pesquisas de Souza e Muñoz possui uma identidade que se originou ainda no mestrado. Enquanto Souza se preocupou em analisar a trajetória do médico eugenista Renato Kehl, especialmente em sua relação com a ciência eugênica alemã, Muñoz estudou a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina-Legal. Há uma continuidade na trajetória dos pesquisadores, o que

revela uma preocupação com as temáticas abordadas em suas teses. As escolhas pela abordagem intelectual e transnacional são frutos colhidos ainda no mestrado, e é neste momento que as teses se encontram. O estudo dos atores históricos e a presença de influências da ciência alemã fazem da eugenia um ponto de aproximação, tanto em relação à ciência eugênica quanto ao período contemporâneo de Cunha Lopes e Roquette-Pinto.

A discussão dos saberes científicos nacionais e internacionais, além de demonstrar a articulação de redes internacionais, revela como os cientistas brasileiros mobilizaram esforços para suas áreas de pesquisa. Essas iniciativas transoceânicas procuravam, de certa maneira, justificar projetos políticos e fortalecer a autoridade nos debates dentro dos estabelecimentos científicos nacionais. A eugenia, por sua vez, era uma matéria que podia ser revelada por meio de diferentes enfoques.

Um ponto relevante está nos projetos políticos em que esses intelectuais estavam inseridos. Por exemplo, em que medida a circulação científica e o interesse na eugenia fomentavam uma discussão sobre nacionalidade e unidade, características da chamada Era Vargas? É importante tensionar sobre como o debate científico eugenista era inserido no âmbito político, especialmente para compreender a política de imigração sob uma perspectiva racial. Conforme observado por Seyferth (1999), a assimilação racial e a ocupação territorial estavam vinculadas aos critérios de "unidade nacional". De modo geral, as teses de Souza e Muñoz respondem ao motivo pelo qual a ciência se torna um suporte para fundamentações políticas e projetos de nação.

Portanto, há uma aproximação no que diz respeito ao modo como as ciências são mobilizadas para responder a problemas políticos e sociais. O envolvimento com uma ciência alemã, notadamente pensando a higiene racial, passou a transitar com maior ênfase nos discursos. Isso posto, rompemos com a questão – se é que ainda exista – da mera importação de ideias sem critérios, por pura sedução europeia. O malabarismo empregado por Cunha Lopes e Roquette-Pinto para dar sentido às suas fundamentações científicas no contexto brasileiro aparece como fator que afasta de vez a ideia do simples empréstimo europeu.

Nos dois próximos itens, optei por fracionar as teses, privilegiando seus atores históricos, concentrando a análise principalmente no aspecto eugênico, em relação ao qual compartilho interesses de pesquisa.

### **A eugenia de Roquette-Pinto**

Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) foi um dos antropólogos mais influentes no pensamento social brasileiro da primeira metade do século XX. Em sua trajetória, esteve ligado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e participou da Comissão Rondon. Sua percepção do povo brasileiro contemplou uma visão diferenciada em relação aos determinismos e teorias raciais vigentes no Brasil. Por meio dessa perspectiva, seu pensamento e formação intelectual geraram uma interpretação de eugenia em que as reformas sociais deveriam ser levadas em consideração, ao invés dos determinismos racial e biológico, para a formação dos indivíduos.

A atenção à História Intelectual nos remete ao uso da metodologia de Quentin Skinner, mais especificamente ao analisar como um determinado sujeito discursivo, se impõe socialmente, faz circular suas ideias e dialoga com outros intelectuais. Nesse contexto, é importante destacar o que Skinner chama de "mitologia das doutrinas" ou "mitologia da coerência". Essa abordagem direciona o historiador das ideias a examinar com mais cuidado as trajetórias e os pensamentos científicos/políticos, evitando anacronismos e teleologias. Segundo Skinner, "raciocinar nesses termos significa convidar o historiador das ideias a seguir um caminho acadêmico que aponta para a resolução de 'antinomias'" (SKINNER, 2005, p. 101). Tal exercício hermenêutico ajuda a evitar equívocos na defesa de afirmações que extrapolam a própria visão do autor de um texto fonte. Skinner exemplifica seus argumentos ao mencionar Thomas Hobbes, René Descartes, Thomas More e John Locke, atores históricos de grande apelo em pesquisas acadêmicas e que são frequentemente interpretados de forma apressada em relação ao conteúdo de suas produções. Personagens como Roquette-Pinto precisam ser analisados no contexto no qual estão inseridos, uma vez que, além de sua produção

bibliográfica, atuaram como homens públicos. Ao compreender que esses sujeitos pertencem a determinados contextos de produção, é preciso questionar as filiações intelectuais e políticas às quais os indivíduos pertencem.

Este modelo de "hermenêutica do indivíduo" é discutido na tese de Vanderlei Sebastião de Souza. O autor oferece uma abordagem do pensamento de Roquette-Pinto em relação à miscigenação brasileira e suas aproximações com intelectuais estrangeiros como Eugen Fischer, Rüdiger Bilden, Charles Davenport e Franz Boas. À primeira vista, essa combinação pode parecer uma miscelânea aleatória, mas Souza explica a construção e interpretação apresentada por Roquette-Pinto, na qual o antropólogo brasileiro "[...] fez uma leitura politicamente seletiva desses autores, recortando de sua tese os argumentos que se adequavam ao projeto de valorização dos mestiços no Brasil" (SOUZA, 2011, p. 208). Embora a junção desses autores seja cercada de contradições teóricas, especialmente pela maneira como concebem a eugenia, Roquette-Pinto realiza uma espécie de mosaico intelectual em vista de seu projeto de nação e da maneira como compreende a miscigenação. O mérito não reside no distanciamento em suas filiações intelectuais, mas sim em como, a partir da aproximação, ele consegue forjar uma explicação para a sociedade brasileira.

O modelo neolamarckista de eugenia obteve forte apelo entre os eugenistas brasileiros. No que diz respeito à teoria, a hereditariedade poderia ser transmitida de acordo com a manifestação de caracteres orgânicos adquiridos durante a existência de um indivíduo. Em outras palavras, os caracteres raciais eram condicionados ao meio de interação. A ideia central era que, melhorando a educação na sociedade e combatendo doenças e o alcoolismo, por exemplo, a sociedade poderia ser mais bem formada e transmitir os benefícios dessas melhorias às gerações futuras.

Roquette-Pinto considera que o ambiente é fundamental para a melhoria social, mas rejeita o princípio da herança por caracteres adquiridos. Seu principal argumento em relação à eugenia será ampliado com a adoção das "Leis de Mendel". O chamado mendelismo está condicionado à transmissão hereditária estritamente biológica, sendo expressa por fatores dominantes ou recessivos. Ao propor

reformas sociais não as condicionava a uma finalidade de transmissão hereditária.

De acordo com Souza, o conceito mendeliano foi fundamental para que Roquette-Pinto observasse a questão racial sob um prisma biológico em relação à hereditariedade e, por outro lado, o sociológico e o político na condição da população (SOUZA, 2011, p. 217). Partindo desse princípio, os elementos que caracterizariam a transmissão hereditária estariam restritos às leis de Mendel, sendo irresponsável considerar fatores externos para o sucesso hereditário. O diferencial desse raciocínio está no distanciamento das conclusões da transmissão dos caracteres por meio de fatores sociais que marcaram presença nos diagnósticos do século XIX e do início do XX. Seu fundamento estaria em atribuir o sucesso ou insucesso da população/civilização a questões de ordem social e sua influência na hereditariedade.

No estudo de Roquette-Pinto, a condição da população era representada por fatores sociológicos e políticos, ou seja, a falta de investimentos na saúde e educação por parte do poder público, por exemplo, caracterizava o lugar social de determinados grupos. Assim sendo, as condições adequadas do meio, embora não transmissíveis hereditariamente, contribuíam para o equilíbrio social. Isso influenciava especialmente em grupos considerados estigmatizados, como negros e mestiços.

A originalidade do argumento de Roquette-Pinto ia ao encontro do contexto das propostas neolamarckistas, que possuíam maior receptividade na época. De fato, esse é um aspecto importante para notar como o diálogo com autoridades científicas internacionais corroborou para seu argumento antropológico sobre populações e hereditariedade.

O contato com o antropólogo e médico alemão Eugen Fischer, um dos principais eugenistas alemães e integrante do tribunal eugênico alemão (PROCTOR, 1988), pode estabelecer de que maneira a relação transoceânica ocorreu. Os estudos de Fischer colaboraram para rebater os argumentos da infertilidade e da inviabilidade dos cruzamentos raciais. No entanto, surge a questão de como pensar a apropriação de Fischer por Roquette-Pinto, uma vez que, ao longo da sua trajetória, o alemão expôs posições controversas que entravam em conflito com as concepções do antropólogo

brasileiro. Ou como entender essa relação, considerando que Fischer acenava positivamente para a hierarquia racial por preceitos eugênicos e, por vezes, defendia posicionamentos antissemitas e arianistas. Segundo Souza, Roquette teria ignorado algumas discordâncias de caráter racial, selecionando os pontos mais adequados aos seus pressupostos científicos (SOUZA, 2011, p. 224-226). O antropólogo brasileiro não se limitou à interlocução com a ciência alemã de Fischer. Seu repertório incluía contatos com a antropologia estadunidense, incorporando leituras de Madison Grant, Lothrop Stoddard, Charles Davenport, Herbert Spencer Jennings, Raymond Pearl, Franz Boas e Rüdiger Bilden. Davenport foi um importante referencial que estimulou Roquette-Pinto nos enfoques da genética mendeliana, antropologia física e eugenia. O cientista estadunidense era uma das maiores autoridades eugênicas do país e muitas de suas concepções estavam alinhadas à eugenia "negativa". Essa modalidade de eugenia acreditava que medidas coercitivas e invasivas de controle poderiam ajudar a combater a proliferação de indivíduos considerados inapropriados (BLACK, 2003).

Roquette-Pinto estava atento ao debate sobre eugenia e raça, notadamente em relação às posições de Davenport. Todavia, como demonstrado por Souza, o antropólogo brasileiro não compactuava com todas as suas conclusões. Assim como fez com Fischer, Roquette-Pinto selecionava aquilo que mais lhe interessava para a construção de sua tese racial. Em outras palavras: ele incorporava e adaptava elementos das teorias eugênicas estrangeiras que se adequavam aos seus próprios pressupostos e argumentos.

*Em relação a este aspecto, compreendemos que Roquette-Pinto fez uma leitura politicamente seletiva destes autores, recortando de suas teses os argumentos que se adequavam ao projeto de valorização dos mestiços do Brasil, não problematizando as conclusões que ele próprio recusava (SOUZA, 2013, p. 208).*

A trajetória e a produção intelectual de Roquette-Pinto foram marcadas pela discordância com teses racistas que defendiam a segregação racial. Nesse contexto, a influência

do antropólogo teuto-americano Franz Boas deve ser levada em conta como um elemento explicativo das questões políticas e culturais que influenciaram a sociedade.

Embora a percepção da miscigenação e da consolidação racial brasileira seja vista pelo antropólogo brasileiro como positiva, algumas de suas conclusões caminhavam para o branqueamento da população. A ideia do branqueamento fez parte da trajetória do pensamento racial brasileiro desde o século XIX e foi abraçada por parte da intelectualidade e da elite brasileira (SKIDMORE, 1976). Resumidamente, o branqueamento era proposto como uma solução para enfrentar a questão da miscigenação, percebida como um obstáculo para o sentimento de unidade nacional. Roquette-Pinto, mesmo com certa descrença em relação ao otimismo do médico João Baptista de Lacerda sobre a viabilidade do branqueamento, avaliava que a população negra e mestiça marchava para o seu desaparecimento gradativo, mais especificamente pelas péssimas condições sociais que dificultavam a sua organização familiar (SOUZA, 2013, p. 277).

Tal perspectiva permite adentrar nos fundamentos da concepção eugênica do antropólogo. Embora em vigência desde o século XIX, a eugenia entrou na ordem do dia do pensamento científico e social brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Médicos, sanitaristas, juristas, políticos e uma parte da intelectualidade interessada na temática racial se mostrou receptiva à ideia de uma seleção hereditária por meio das prerrogativas eugênicas. O estado da arte da historiografia preocupada com o desenvolvimento do tema no Brasil tem demonstrado a relação plural de diferentes atores históricos com a teoria de Galton (STEPAN, 2005; WEGNER, 2013, SOUZA, 2013; SOUZA V, 2006; MUÑOZ, 2015; CARVALHO L, 2022). Isto é, como a eugenia gerou múltiplas interpretações, dependendo da avaliação e visão de mundo de cada indivíduo. O próprio Roquette-Pinto percebia a variedade de interpretações que a eugenia poderia representar, dependendo de quem se apropriava de suas concepções. Ele afirmou que "[...] de modo que 'qualquer pessoa' que abrisse dois livros de eugenia correria 'o risco de encontrar coisas diversas nos volumes consultados'" (SOUZA, 2013, p. 283).

Roquette-Pinto, envolvido com estudos raciais, não foi uma exceção nesse panorama polimorfo. Pelo contrário, sua atuação foi bastante ativa ao propagandear um modelo de interpretação eugênica. Seu discurso ocupou centralidade nos debates sobre eugenia e imigração, com a publicação de livros e artigos sobre hereditariedade e o papel da eugenia, além de assumir a presidência no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929.

Diante da variedade de interpretações sobre a teoria e prática da eugenia, o ponto de vista de Roquette-Pinto se alinhava com a chamada eugenia "positiva", que incentivava a seleção hereditária, especialmente voltada ao matrimônio e ao planejamento da hereditariedade familiar. No entanto, como demonstrou Souza, em seu trabalho "Seixos Rolados" (1927), Roquette-Pinto reconhecia que as abordagens restritivas atingiriam os objetivos com mais facilidade se comparadas às práticas "positivas" ou "preventivas". Porém, ele argumentava que a perspectiva "negativa" prejudicaria a compreensão e a consciência "individual" dos benefícios da eugenia para a população, dependendo quase que exclusivamente da execução do Estado. Em especial, essa ação exigiria regulação e aplicação por parte de um aparato estatal centralizado.

É interessante notar como Roquette-Pinto se posicionou no debate eugênico acerca da imigração brasileira, mais especificamente em relação à vinda dos imigrantes japoneses. Na década de 1920, houve intensa discussão legislativa sobre quais raças deveriam ou não imigrar para o Brasil, e uma série de dispositivos foi proposta para cercear características consideradas "indesejáveis" (RAMOS, 1996).

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, intelectuais como Miguel Couto, Renato Kehl, Xavier de Oliveira, Oscar Fontenelle e Ernani Lopes mostraram-se favoráveis às práticas restritivas da imigração asiática. No entanto, a perspectiva de Roquette-Pinto priorizava uma seleção focada no indivíduo, ao invés de grupos raciais (SOUZA, 2013, p. 328). Embora concordasse em diversos aspectos com medidas restritivas à imigração, movido por um sentimento nacionalista que contemplava o lugar do trabalhador brasileiro, ele defendia publicamente a imigração japonesa. Outros também

somavam à defesa da imigração japonesa, como foi o caso do jurista Júlio de Revorêdo em seu livro *Immigração*.

Roquette-Pinto rebatia as críticas dos intelectuais que consideravam o imigrante japonês inassimilável. Ele rejeitava as propostas restritivas, argumentando que os japoneses eram fisicamente compatíveis com os brasileiros do Norte, o que negava qualquer argumento de assimilação física normalmente levantado pelos opositores (SOUZA, 2013, p. 333). De modo geral, havia a preferência por grupos imigratórios de cor branca, mais precisamente de origem alemã ou escandinava.

Na interpretação de Souza, Roquette-Pinto se destacou como um intelectual que procurou elaborar um projeto de nação, buscando retratar o país a partir de características raciais. Nesse caso, a formação hereditária e as características antropológicas do povo brasileiro eram consideradas como a verdadeira qualidade da população. Com relação à eugenia, embora tenha construído sua explicação, Roquette-Pinto entendia que a forma de execução técnica deveria ser cautelosa, uma vez que era perigoso confundir as práticas realizadas na zoologia com aquelas aplicadas aos seres humanos. Por essa razão, ele tomou a frente da defesa do imigrante japonês como um "tipo humano" desejável para ser importado ao Brasil, tanto em seu aspecto de trabalhador como na questão da assimilação racial.

### **Ignácio Cunha Lopes e as influências teuto-brasileiras**

Outro ator histórico que ganhou destaque pela sua interpretação da eugenia foi o mineiro Ignácio da Cunha Lopes (1891-1973). Formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi nomeado interinamente como médico assistente da Assistência a Alienados em 1923. No mesmo ano, tornou-se um dos redatores dos Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria. Contudo, a fase decisiva de sua trajetória profissional ocorreu somente no final daquela década, quando recebeu a missão de estudar questões relativas ao progresso da psiquiatria e da assistência a psicopatas na Alemanha (MUÑOZ, 2015, p. 215).

Em solo europeu, Cunha Lopes passou por Londres e Holanda antes de chegar à cidade de Hamburgo.

2.  
Deve-se fazer referência, nos anos de 1930, à criação do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura, no Rio, e do Instituto Ibero-Americano de Berlim.

Posteriormente, rumou para a clínica universitária de Berlim, onde teve contato com o psiquiatra Karl Bonhoeffer. Sua estadia seguinte foi em Würzburg para participar do 19º Congresso dos Neurologistas e Psiquiatras alemães (Neunzehnte Jahresversammlung der Gesellschaft Deutscher Nervenärzte). A escala seguinte foi em Munique, onde se aproximou da escola psiquiátrica de Munique e do médico suíço Ernst Rüdin (1874-1952), especializado em psiquiatria genética e higiene racial. A interlocução com Rüdin foi fundamental para sua formação como médico psiquiatra e para o desenvolvimento das ideias que levaria consigo de volta ao Brasil.

No final de junho de 1930, Cunha Lopes retornou ao Brasil trazendo a influência da ciência alemã. Suas investidas profissionais ocorreram na profilaxia e na eugenia, por meio de estudos sobre hereditariedade e doenças mentais (MUÑOZ, 2015, p. 214-226). Sua atuação na psiquiatria e medicina brasileira oferece uma perspectiva de como a relação entre Brasil e Alemanha se intensificou no final da década de 1920, especialmente em relação aos estudos eugênicos<sup>2</sup>.

Esse intercâmbio teuto-brasileiro foi se consolidando na década de 1930. A vinda do neuropatologista Walter Spielmeyer, em 1931, para a realização de um curso sobre anatomia patológica do sistema nervoso, causou grande agitação na comunidade especializada brasileira. Entre as conferências de Spielmeyer, foram abordados temas como "Doença de Wilson", "Coreia de Huntington", "A Idiotia familiar como tipo de heredodegeneração e como doença de metabolismo", entre outros, totalizando 14 conferências (MUÑOZ, 2015, p. 248). A repercussão do curso de Spielmeyer fornece subsídios para compreender o fortalecimento das relações entre a ciência alemã e a brasileira.

Em termos práticos, a influência alemã no pensamento de Cunha Lopes ocorreu durante o período em que ele atuou como assistente de Rüdin no Departamento Genealógico e Demográfico da DFA. Foi nesse estágio que ele ampliou sua compreensão em relação aos estudos genealógicos. Inspirado pelo modelo alemão, ele propôs a criação de um laboratório semelhante no Brasil. Para isso, contou com a contribuição moral e científica dos principais psiquiatras nacionais, assim

como do departamento de eugenia. Embora dedicado aos estudos neuropatológicos, Cunha Lopes direcionou suas pesquisas para a agenda eugênica. Suas investidas visavam "estudar a hereditariedade de anomalias psíquicas de toda sorte" para "esclarecer as condições biológicas da transmissibilidade de tais anomalias através da descendência" (CUNHA, 1930 apud MUÑOZ, 2015, p. 311).

De acordo com Muñoz, a atuação do psiquiatra brasileiro no movimento eugênico no início de 1930 é sintomática e revela sua aproximação com o grupo de Renato Kehl e Henrique Roxo, e seu distanciamento do grupo de Juliano Moreira. O contato com Rüdin, em Munique, amplificou não apenas seu ponto de vista em relação à eugenia, mas também aumentou seu prestígio entre os eugenistas brasileiros.

Com base na sua aproximação e alinhamento com o movimento eugênico, Cunha Lopes participou de iniciativas lideradas pelo médico eugenista Renato Kehl, como a Comissão Central Brasileira para o Estudo e Propaganda da Eugenia. Sua participação nessa comissão e na IV Conferência Nacional de Educação, representando a Liga Brasileira de Higiene Mental, oferece elementos para avaliar sua integração ao movimento eugênico brasileiro. Em sintonia com o discurso predominante na década de 1930, ele se posicionava a favor das medidas restritivas como solução para os problemas nacionais.

O discurso predominante de uma eugenia "negativa", que caminhava em direção aos processos de esterilização eugênica, atingiu seu auge em 1934, quando ocorreu um conflito entre Cunha Lopes e Roquette-Pinto. O antropólogo brasileiro era contrário a esses processos. A lei de esterilização aprovada na Alemanha Nazista em 1933 causou repercussão entre a intelectualidade brasileira, gerando debates sobre sua viabilidade como técnica a ser aplicada no Brasil. Como demonstrado por Souza (2011, p. 310) e Muñoz (2005, p. 317) em suas teses, o jornal *O Globo* realizou uma série de entrevistas com especialistas brasileiros sobre a aplicação da esterilização na Alemanha. Entre dezembro de 1933 e 1934, dos sete médicos entrevistados, com exceção de Leitão da Cunha e Roquette-Pinto, todos se mostraram favoráveis à medida. Embora houvesse uma tendência entre uma parcela

médica para aprovar uma lei de esterilização eugênica no Brasil, a proposta não foi legislada.

A atuação da Igreja Católica foi determinante para o insucesso de um projeto legislativo de esterilização. Isso se deve ao fato de que, além de ser uma instituição de grande influência no Brasil, a técnica de esterilização eugênica ia de encontro aos seus preceitos religiosos (WEGNER; SOUZA, 2013). Não era uma tarefa fácil para a eugenia competir contra os princípios defendidos pela Igreja Católica, que possuía uma reconhecida força na formação moral da sociedade e em relação à concepção da vida. Cunha Lopes continuou atuando na área da psiquiatria ao longo da década de 1930, tanto em sua prática profissional como na produção de material bibliográfico. Publicou diversos artigos em jornais e escreveu livros relacionados à temática da eugenia. Assim como Renato Kehl, o tema da eugenia permaneceu como pauta de suas produções mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. Cunha Lopes acabou se tornando um importante personagem histórico para o intercâmbio de diálogos científicos entre Brasil e Alemanha. Além disso, foi um propagandista das ideias da psiquiatria genética de Ernst Rüdin.

### **Reflexões finais**

Ao basear-me em duas teses premiadas pela comunidade acadêmica, meu objetivo foi justificar como o tratamento da temática eugênica tem ampliado novas perspectivas e avançado na interpretação dos atores históricos envolvidos. Roquette-Pinto e Cunha Lopes são dois exemplos de como os pressupostos eugênicos puderam ser apropriados de maneiras distintas, de acordo com a perspectiva e formação de cada intelectual. Isso ressalta a natureza plural do pensamento eugênico no Brasil.

Conforme destacado por Adams (2009), pesquisadores têm se dedicado a compreender os efeitos da eugenia em diversos países, possibilitando a reinterpretção e novas compreensões sobre o conceito. Os estudos sobre trajetórias intelectuais relacionadas à eugenia servem de referências de como essa questão foi abordada de forma diferente tanto no campo médico quanto na esfera política. A circulação científica e a recepção da eugenia por parte da comunidade

científica e de outras esferas intelectuais estão em pauta nesse contexto.

Muito mais do que perceber o caráter transacional da circulação de ideias, a análise das fontes traz à perspectiva histórica a singularidade, a formulação e a adaptação de teorias ou conceitos que muitas vezes são considerados inflexíveis ou monolíticos. O que os autores mencionados demonstram é que essa inflexibilidade se dissolve quando examinamos a trajetória e o pensamento dos agentes históricos em questão. Ao pensarmos em outros períodos de importação de ideias, científicas ou não, vindas da Europa ou dos Estados Unidos, acabamos por estabelecer uma relação de transformação contextual, e não meramente de reprodução. Podemos observar como o debate político na segunda metade do século XIX se desenvolveu a partir da apropriação e mudança contextual das teses de Spencer, Darwin, Comte, entre outros (ALONSO, 2002; CARVALHO, 1990; VISCARDI, 2017).

Nessa perspectiva, é importante enfatizar que a presença de Charles Davenport, Franz Boas e Ernst Rüdin no ideário eugênico de Roquette-Pinto e Cunha Lopes representa mais do que uma simples interação entre Brasil e Estados Unidos ou Brasil e Alemanha. Ela sinaliza uma alternativa de pensar a eugenia fora do escopo da mera reprodução, transformando-a em um grande mosaico interpretativo. É um recorte e colagem teórico que depende do contexto de inserção e da trajetória intelectual daqueles que a adotam. Em vez de aceitar cegamente as ideias importadas, esses intelectuais brasileiros as reinterpretaram e adaptaram para suas próprias realidades e perspectivas, tornando-as únicas em suas formulações e aplicações no contexto brasileiro.

A historiografia da antropologia e da psiquiatria emerge como elemento fundamental na constituição desses trabalhos. A linguagem utilizada pelos atores históricos é fruto de códigos próprios, intrínsecos a uma época específica. Um historiador desatento à linguagem corre o risco de se perder na análise das fontes. Essa importância da linguagem é destacada por John Pocock, um historiador político, que enfatiza o papel crucial da linguagem no trabalho do historiador para compreender o ideário e o discurso político.

Tanto Roquette-Pinto quanto Cunha Lopes estão inseridos nesse sistema de linguagem, compartilhado não apenas no âmbito científico, mas também na retórica dos homens públicos. Pocock (2003, p. 33) atribui a atenção à linguagem como uma observação de um recurso cultural para determinados sujeitos e como esses são compartilhados com sua comunidade. Ele sustenta que, à medida que é identificado um amplo emprego comum da linguagem, o historiador ganha mais confiança em seu trabalho e suas fontes.

Esse movimento semelhante é encontrado em ambas as teses, com uma interlocução linguística conceitual e como houve uma tradução para o público leigo (como no caso do jornal *O Globo*) ou mesmo para a comunidade científica. O significado de eugenia no contexto nacional envolve o esforço em compreender seus significados que diferem da racionalização do uso da teoria em outros países. Um exemplo clássico desse aspecto pode ser visto na indagação do eugenista britânico K. E. Trouson, em um artigo publicado em 1931 na revista *The Eugenics Review*. Segundo ele, os brasileiros aparentemente tinham certa dificuldade em compreender o significado de "eugenia", compreendendo-o de forma menos restritiva do que os ingleses (STEPAN, 2005, p.76). Esse fator levou a eugenia brasileira a ser percebida de diferentes perspectivas e a estar aliada aos problemas sociais enfrentados pela elite médica e intelectual nacional.

É importante ressaltar que, ao longo do texto, destaquei os dois agentes históricos e sua relação com a eugenia, mas devemos lembrar que ambos são indivíduos públicos. A Sociologia da Cultura, de Karl Mannheim, aborda a forma de pensar dos indivíduos que vivem em sociedade. Ele salienta que o sujeito não pensa isoladamente, mas sim dentro de um conjunto de relações sociais, seja por meio de concordâncias, sobreposições ou discordâncias. Portanto, é necessário observar os atores históricos em seu envolvimento múltiplo com a sociedade, sem separá-los de suas relações sociais (MANNHEIM, 1974, p. 86).

Os dois personagens em destaque, Cunha Lopes e Roquette-Pinto, estão inseridos nessa compreensão política e científica de seu lugar social. O tratamento da eugenia como ciência, presente nas relações sociais e políticas do país, é um exemplo de como diferentes perspectivas

estão integradas nesses "agrupamentos" a que Mannheim se refere. O caminho político era o processo natural para a implementação de ideias reformistas da nação. Esse é um ponto a ser salientado entre as duas teses, pois o caráter dos indivíduos públicos é relevante para explicar seus trânsitos e influências em projetos políticos da Primeira República e da Era Vargas, bem como entre as próprias redes científicas. Portanto, a observação do discurso político, como apontado por Pocock (2003, p. 63-64), torna-se uma referência importante para o trabalho do historiador.

## Referências

- ADAMS, Mark. Eugenics. In: RAVITSKY, Vardit; AUTUMN, Fiester; CAPLAN, Arthur (Orgs.). **The penn center guide to bioethics**. New York: Springer Pub, 2009.
- ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. Sanear é eugênizar: a eugenia "preventiva" de Belisário Penna a serviço do saneamento do Brasil, 1920-1930. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, 2022, v. 29, n. 3:645-660.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. **À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2015.
- POCOCK, John. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- PROCTOR, Robert. **Racial hygiene: medicine under the nazis**. Cambridge, MA, and London: Harvard University Press, 1988.
- RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, MC; SANTOS, RV (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996: 59-82.
- SEYFERTH, Giralda. **Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, D. (Org). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro FGV, 1999.

- SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.
- SKINNER, Quentin. **Visões da política: sobre os métodos históricos.** Algés: Difel, 2005.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A Política Biológica como Projeto: a "Eugenia Negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1930-1935).** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.
- TARELOW, Gustavo Querodia; MOTA, André. **Eugenia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40.** *Dimensões*, 2015, v. 34: 255-279.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Unidos perderemos: a construção do federalismo republicano brasileiro.** Curitiba: CRV, 2017.
- WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (Impresso), 2013, v. 20: 263-288.